

A LITERATURA REVELA A FRONTEIRA BRASIL/URUGUAI

Moacir Lopes de Camargos (Unipampa)
lopesdecamargos@gmail.com

Introdução

Como sabemos, o Brasil possui uma imensa zona fronteira com os países da América do Sul. Essa proximidade com os vizinhos já foi motivo até de guerra e, nos momentos atuais, essas fronteiras geram uma diversidade muito singular em todos os níveis: culturais, comerciais etc. Partindo dessas observações iniciais, o objetivo deste trabalho é discutir sobre fronteira a partir da literatura. Tomamos como corpus para nossas discussões o livro *Contos do país dos gaúchos*¹ do escritor uruguaio Julián Murguía, nascido em 1930 na cidade de Melo (localizada a 60 km de Aceguá), departamento de Cerro Largo.

A partir da leitura dos contos, analisamos, primeiramente, como a linguagem utilizada pelo autor revela a singularidade cultural da fronteira entre Brasil/Uruguai, mais especificamente, entre as cidades gêmeas Aceguá/Brasil, Aceguá/Uruguai e a relação destas com a cidade Uruguia de Melo. Em segundo lugar, buscamos compreender como se dá o comércio nesta zona fronteira, uma vez que este conceito, na prática, se transforma em uma linha tênue e explícita as relações humanas e comerciais não oficiais e frágeis entre os dois países integrantes do Mercosul. Nestas relações estão presentes os sujeitos. Eles são os outros que vivem sempre correndo para burlar a lei e são rotulados de contrabandistas, clandestinos etc. E, entre esses sujeitos há ainda os negros, os pobres, os velhos, dentre outros.

Para analisar essas alteridades que emergem neste contexto fronteiro singular, e expõem as mazelas capitalistas e ideologias neoliberais, utilizamos uma metodologia qualitativa, uma vez que não pretendemos realizar generalizações. Como arcabouço teórico buscamos apoio nas discussões sobre literatura e América Latina do crítico uruguaio RAMA (1985), WIMMER (2007); sobre mercado neoliberal e ideologia discutidos por MIOTELLO (2005); no conceito de cultura apresentado pelo pensador russo BAKHTIN (2000) e, por fim, nos estudos sobre fronteira de CORRÊA (2012), dentre outros.

1. Fronteira

Quando pensamos em fronteira geográfica, podemos visualizar, por exemplo, uma linha em um mapa separando determinados espaços em duas partes. Ou ainda, podemos imaginar, em um mapa, o desenho de um rio que separa dois territórios. Nesse caso, pode haver uma ponte para cruzar de um lado a outro. No entanto, quando não há rios, a linha divisória pode permanecer somente no mapa, pois ao chegar a certas cidades de fronteira, como é o caso de Aceguá, nos perguntamos: onde é o Brasil? Onde é o Uruguai? Para quem vem de fora, há uma avenida que serve de referência para as duas cidades (Aceguá) como o mesmo nome. Na verdade, não há fronteira, ou limite rígido entre essas duas cidades que impeçam as pessoas de ir e vir. Elas vão de um lado para outro, circulando nos dois países; se casam, moram de um lado e estudam do outro... (CORREA, 2012)².

¹ A versão original em espanhol foi lançada em 1991 com o título de *Cuentos del país de los gauchos*.

² No caso da fronteira do México com os Estados Unidos, além de um rio, há um enorme muro que separa os dois países. Como há um grande problema com pessoas que chegam de todos os países da América Latina para cruzar essa fronteira, há uma vigilância ostensiva por parte dos Estados Unidos, o que não impede, mesmo

Tomando as reflexões de GERALDI (2010, p.127) a partir do pensamento de Bakhtin, no espaço de fronteira temos “o fluxo do movimento como território. Lugar de passagem e na passagem a interação do homem com os outros homens no desafio de construir compreensões do mundo vivido. Das histórias contadas e não contadas”. Então, para conhecer um pouco dessas histórias da fronteira que são contadas ou não, tomamos a literatura como possibilidade de pensar as realidades vividas por sujeitos que revelam suas vidas em constantes transformações. Primeiramente, para pensar a literatura, estamos tomando uma concepção de literatura como sendo “qualquer texto, mesmo não consagrado, com intenção literária, visível num trabalho da linguagem e da imaginação, ou simplesmente este trabalho enquanto tal” (LEITE, 2004, p. 21).

Essa concepção nos permite aproximar língua e literatura, não as colocando em patamares hierárquicos e classificando-as como superiores/inferiores. Ao contrário, a literatura pode ser o ponto de partida para o estudo da língua, uma vez que ambas se complementam. Em um passado recente (mas ainda hoje se pode encontrar tal pensamento³), havia a concepção de uma língua nacional que estava ao lado de uma literatura nacional. Conforme nos explica WIMMER (2007, p. 144)

Ainda em conformidade com as ideologias do século XIX, a cumplicidade entre língua, literatura, cultura e nação estava estreitamente relacionada à ordem geopolítica e às fronteiras geográficas. Língua e Literatura integravam, assim, uma ideologia de Estado como, por exemplo, ocorreu com o nacionalismo do projeto romântico brasileiro. Neste sentido uma determinada variante da língua portuguesa considerada padrão, no Brasil, deveria caracterizar toda a produção literária e os aportes regionalistas trazidos por diversos escritores românticos e realista-naturalistas, ou ainda aqueles registrados pelos modernistas representariam, principalmente, desvios mais ou menos exóticos, marginalizantes ou inovadores.

De acordo com essas explicações da pesquisadora, os contos de Murguía não estariam dentro do que se poderia classificar como literatura nacional, pois a voz dos sujeitos fronteiriços (periféricos) que aparece nos contos analisados, com a grande mescla de línguas⁴, descaracterizaria a literatura. A língua que aparece nos contos reproduz a oralidade, ou seja, explicita o constante diálogo das línguas: portuguesa e espanhola. Aqui cabe o que WIMMER (2007) denomina de plurilinguajamento, ou seja, quando nenhuma das línguas em contato anula a outra, mas ambas se interseccionam.

O crítico literário uruguaio Rama (1985) explica como a escrita se tornou superior à oralidade e fixou a ordem por meio de um poder que chegou às cidades latino-americanas, desde a sua fundação, pelas mãos daqueles que controlavam esse poder: escrivães, clero, administradores etc. Assim, a escrita se impôs por meio de um discurso que foi mantido e delimitado por esses controladores (hoje são jornalistas, professores). Consequentemente,

assim, muitas pessoas de cruzarem para os EUA. As reportagens sempre mostram a grande quantidade de presos nessas tentativas de chegar aos Estados Unidos; há muitas deportações e também muitas mortes no rio ou durante a caminhada pelo deserto em solo estadunidense, mas muitos vencem as longas jornadas e chegam a cidades dos EUA em busca de melhores condições de vida.

³ Em 2005 e 2006 ministrei cursos de aperfeiçoamento a professores do ensino fundamental e médio da rede pública no Vale do Ribeira, Estado de São Paulo. Muitos docentes defendiam arduamente a ideia de que os alunos deveriam ler Machado de Assis, pois neste autor está a boa língua.

⁴ Na cidade de Aceguá/Brasil predominam os falantes que possuem o português como língua materna, mas há uma colônia de alemães e famílias árabes que vivem nas cidades de Aceguá e não possuem português ou espanhol como língua materna.

tudo que foge ao poder da escrita, obviamente, é mantido na periferia, sinônimo de inferioridade, é marginalizado.

Desse modo, classifica-se a língua (tendo a escrita como parâmetro) com uma variante padrão superior a todas as outras variantes. Em se tratando de contextos fronteiriços, tais concepções não são adequadas, porque a cultura/literatura desses contextos também receberia classificações de inferiores/menores, por exemplo.

RAMA (2001), ao pensar sobre a literatura latino-americana defende a ideia de transculturação apoiando-se nas pesquisas do cubano Ortiz (1963), pois o que acontece com essa literatura é um cruzamento de influências com diferentes elementos: indígenas, africanos, europeus. Nesse processo não há uma fusão ou apagamento de uma cultura, ou o que se chama de aculturação, mas uma construção ativa que resulta em modificações e enriquecimento de ambas as culturas em contato.

Essa reflexão de RAMA coaduna com as reflexões de BAKHTIN (2000) sobre cultura (nesse conceito entra a língua e a literatura) que é definida como uma unidade aberta em constantes diálogos com outras culturas em um movimento ininterrupto que se dá sempre com perguntas:

Formulamos a uma cultura alheia novas perguntas que ela mesma não se formulava. Buscamos nela uma resposta a perguntas nossas, e a cultura alheia nos responde, revelando-nos seus aspectos novos, suas profundidades novas de sentido. Se não formulamos nossas próprias perguntas, não precisamos de uma compreensão ativa de tudo quanto é outro e alheio (trata-se, claro, de perguntas sérias, autênticas). O encontro dialógico de duas culturas não lhes acarreta a fusão, a confusão; cada uma delas conserva sua própria unidade e a sua totalidade aberta, mas se enriquecem mutuamente (BAKHTIN, 2000, p. 368).

Acreditamos que essa concepção bakhtiniana de cultura nos serve para discutir a língua/literatura na fronteira, uma vez que ela nos oferece possibilidades de pensar não somente a partir de um centro hegemônico – ou acadêmico - que dita as regras consideradas adequadas. Assim, podemos pensar as periferias como lugares de produção de conhecimento e de transformação desse conhecimento.

2. Literatura e fronteira

O narrador de *Contos do país dos gaúchos* é um garoto que conta as suas travessuras de férias no campo uruguaio, fronteira com o Brasil. À medida que o guri descreve as suas aventuras, ele vai revelando a híbrida língua fronteiriça com suas características morfosintáticas e léxicas típicas, além dos sujeitos que convivem nesse espaço: “Cheguei a conhecer velhos gaúchos de chiripá e pé no chão, gente guapa na esquiva da lei e da miséria. Contrabandistas que passavam a noite, sigilosos como sorros. Gente que falava uma mistura de português, um *portunhol* [gripo do original] que, ao invés de fazê-los binacionais, tornava-os estrangeiros nas duas pátrias”. (p.15)

Para facilitar a leitura, no final do livro há um glossário, pois um dos aspectos que mais chama a atenção do leitor é a língua. Esta não é somente mistura de português com espanhol que resulta em um portunhol, mas com outras línguas, como a indígena, mostrando que a identidade gaúcha é constituída por meio de um contato com várias culturas, ou seja,

um processo de transculturação. A vestimenta do gaúcho descrita no excerto acima (chiripá⁵) é de origem indígena que, posteriormente, originou a tradicional bombacha ainda usada pelos gaúchos como uma das peças mais importantes do vestuário típico.

Os contrabandistas, que aparecem desde o início do livro, ganham destaque ao final da obra e o leitor pode compreender um pouco a respeito desses sujeitos fronteiriços. Em um diálogo do garoto com o tio sobre um amigo dele (Vasco Ugarte), há constantes perguntas para saber quem são os contrabandistas:

- Mas.... é ou não é teu amigo?

- Bueno, sim.

- Ele disse que é contrabandista.

- Precisa viver de alguma coisa, não é?

- Mas como pode ser seu amigo se é contrabandista?

- E por que não?

- Porque... se é contrabandista, não pode.

- Por quê?

- Porque não.

- Achas que não?

- Acho. Não pode.

Titio deu uma gargalhada.

- Olha aqui – disse ele -, eu posso ser amigo do comissário e também do vasco Ugarte. (p. 94)

Como o fato não ficou esclarecido para o garoto, no dia seguinte, eles veem, ao longe, três homens e recomeça novamente o diálogo com o tio sobre quem são os contrabandistas:

- São quileiros – disse titio.

- Que é isso, quileiros?

- Contrabandistas.

- Bandidos?

- Não, não são bandidos. São vizinhos pobres. Vivem naquele rancherio – e apontou por cima de mim.

Lembrei-me do rancherio, dos guris terrosos de olhos como pratos.

⁵ É uma vestimenta rústica, sem costuras, usada antigamente pelos homens do campo: um metro e meio de fazenda que, passando entre as pernas, vai preso à cintura pelas pontas, com a cinta ou com o tirador. Glossário p. 114.

- Mas são contrabandistas?
- Sim, de quilo a quilo. Um quilo de açúcar, outro de erva ou de feijão... Por isso são chamados quileiros. Vão a pé, com bolsa nos ombros.
- Se o comissário os pega eles vão presos?
- Acho que vão... e perdem o que levam.
- Então são bandidos.
- (...)
- É difícil explicar. Quando fores maiorzinho vais compreender. O que o homem faz pra defender os seus está bem feito. É a lei natural.
- Então não são bandidos?
- Não, filhinho. Não são bandidos. São gente boa, mas infelizmente. (p.94-95)

Como o garoto não fazia parte da cultura fronteiriça, pois ele vinha de outro lugar (sua condição de exotopia), não conseguia entender o que era contrabandista, por isso as perguntas são o meio para que ele possa compreender esta outra prática cultural que conhecia como ilegal. Sua insistência nas perguntas ao tio era para poder saber se aqueles homens estavam realizando atividades comerciais não autorizadas pelas leis comerciais. Por outro lado, para o tio, essas atividades dos quileiros eram comuns, corriqueiras para ele que os conhecia, convivia com eles e tinha amigo (Vasco Ugarte) que realiza tal atividade.

Atualmente, é comum ver na avenida central das cidades de Aceguá, o intenso movimento dos quileiros⁶. Eles compram gêneros alimentícios, refrigerantes e botijões de gás. O transporte é realizado em ônibus que ligam Aceguá a cidades de Noblí⁷ e Melo no Uruguai. Ou ainda, há muitas motocicletas velhas que são adaptadas para realizar o transporte de botijões de gás – uma moto leva até 10 botijões. Essas motos fazem um percurso alternativo por estradas sem asfalto para que os motociclista não sejam presos pela polícia.

Como apontado no conto, a situação de pobreza de grande parte da população fronteiriça é devido a falta de oportunidades de trabalho, o que levam esses homens a realizarem essas atividades não previstas nos acordos comerciais estabelecidos pelos países integrantes do Mercosul⁸. Embora esteja previsto nesses acordos a melhoria dos níveis socioeconômicos dos povos dos países integrantes, as transações comerciais ocorrem em nível de larga escala, o que, evidentemente, não beneficia as populações periféricas. Em consequência, surgem essas formas de burlar as leis impostas pelos mercados capitalistas e de sobreviver em locais mais distantes dos grandes centros, onde, raramente, há investimentos

⁶ Essa situação dos quileiros de Aceguá é mostrada no filme O banheiro do Papa. Para esclarecimentos sobre o filme ver informações disponíveis no site <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-128132/fotos/detalhe/?cmediafile=19963710#title> Acesso em 09/07/2012.

⁷ Cidade uruguia situada entre Aceguá e Melo.

⁸ As informações referentes ao Mercosul e Tratado de Assunção foram retiradas da página da internet www.mercosul.gov.br acesso em 07/07/2012.

em áreas que possam beneficiar os menos afortunados, com implantação de oportunidades que garantam um trabalho com salários mais dignos, etc.

A situação de pobreza da fronteira é bem retratada no conto intitulado *Rancherio*:

“Na ladeira, esparramava-se o rancherio. Desordenadamente. Como se alguém tivesse tentado empilhar os ranchos lá em cima e eles tivessem rolado encosta abaixo, parando em qualquer lugar. (...) Os piás tinham cor de terra. Alguns estavam despídos ou quase, outras usavam roupas apertadas ou peças que mais pareciam penduradas do que vestidas. (...) Sob os beirados, em latas de óleo de cozinha, jasmims e gerânios. Nenhum deles na terra. Também eles prontos para a mudança, como se soubessem que a terra não lhes pertencia”. (p.35-36).

Conforme nos explica MIOTELLO (2005), enquanto impera uma ideologia dominante que impõe as regras comerciais para obter altos lucros com os negócios através da exploração de uma mão de obra barata nos países do Mercosul, surge uma ideologia cotidiana nas zonas periféricas (a fronteira, por exemplo) que, sub-repticiamente, vai empurrando o mercado hegemônico e escancara suas falhas, erros e sua ganância exacerbada que massacra em nome do êxito do comércio internacional vindo, por exemplo, de vastíssimas plantações que rendem toneladas de grãos para serem exportados. Enquanto isso...

Outros sujeitos que ganham voz nos contos são os negros⁹. Logo no início de suas aventuras, o garoto conhece o Pelado, um menino negro um ano mais velho que ele. Eles se tornam verdadeiros amigos e parceiros para as aventuras no campo:

Na manhã seguinte, muito cedo, Pelado apareceu. Trazia um pastel e um montão de histórias sobre seus feitos no dia anterior. Com ar de importância e um sotaque mais brasileiro do que nunca, contou o seu grande sucesso na festa:

- Um retratista me fez dois retratos! (...)

As fotos eram iguais, cópias da mesma pose. (...)

Me deu uma delas e disse:

- Toma. Esta é para ti.

E acrescentou, solene:

- Não pus a dedicatória porque não sei escrever, mas faz de conta que diz aí que o retrato é pro meu melhor amigo. (p. 64).

Com o novo amigo Pelado não sofre preconceito por sua condição social, como já havia lhe acontecido: “Dias antes o Pelado dissera: - Pelo rancheiro não passo mais. Os piás o tinham chamado de “negro bobo”, correndo-o a pedradas” (p.35). Pelado é um garoto muito inteligente e conhece bem o seu espaço rural, sabe cavalgar e possui extrema habilidade em armar arapucas para pegar passarinhos, algo que ele ensina ao seu novo amigo.

Pelado tinha cortado quatro varas de quase meio metro e as atou fazendo um quadrado. Depois atou outras quatro nos cantos do quadrado, unindo-as na extremidade oposta, como se aquilo fosse um telhado de quatro águas. Nesta armação em forma de pirâmide foi atando varinhas cada vez menores até

⁹ Geralmente, o sul do Brasil é conhecido pela presença de imigrantes europeus. No entanto, a presença do negro no Rio Grande do Sul é muito forte, sobretudo na região de fronteira. Prova dessa presença são as inúmeras comunidades quilombolas no Estado e a intensa prática dos cultos religiosos de origem africana (FIABANI, 2012).

aprontar uma gaiola, que parecia o telhado de um rancho antes de ser quichado.

Ficou linda.

Entusiasmado, perguntei:

- De quem é esta?

- Bueno, de qualquer um... Pode ser tua, se quiseres. Agora vamos fazer outra. (p.108-109)

O garoto termina suas narrativas mostrando o sucesso de Pelado com a sua arapuca, o que demonstra que ele realmente sabia e conhecia os segredos desse tipo de armadilha, dos bichos do campo, do tempo. Enfim, pela relação com o outro, o diferente, o garoto compreende que, ao final de suas narrativas, ele conhece também a sua cultura, pois com suas diversas relações estabelecidas na fronteira, com diversos outros: o tio, o Pelado, os vascos, o Velho Gaúcho, etc ele percebe que “aproximamos-nos do outro, também incompletude por definição, com esperança de encontrar a fonte restauradora da totalidade perdida. É na tensão do encontro/desencontro do eu e do tu que ambos se constituem” (GERALDI, 2010, p. 108).

Finalmente, podemos entender que, pela condição exotópica na qual se encontra o garoto, ele pode interrogar, dialogar, compreender e aprender com a cultura fronteiriça. Todas essas aprendizagens adquiridas lhe servem para que ele possa também ver melhor a sua própria cultura. Como nos esclarece BAKHTIN (2000, p. 367-368)

Existe uma ideia que tem vida longa, mas que é limitada e, portanto, incorreta. É a ideia segundo a qual, para melhor compreender uma cultura alheia, cumpriria transplantar-se nela e, esquecendo a sua própria cultura, ver o mundo pelos olhos da cultura alheia. É uma ideia que, como disse, é limitada. Que devemos nos implantar numa cultura alheia, contemplar o mundo com os seus olhos, concordo! É uma fase indispensável no processo de compreensão de uma cultura. Mas se a compreensão se reduzisse apenas a esta fase, nada mais ofereceria senão uma duplicação da dada cultura, e não comportaria nada novo ou enriquecedor. Uma compreensão ativa não renuncia a si mesma, ao seu próprio lugar no tempo, á sua cultura, e nada esquece. O importante no ato de compreensão é a exotopia do compreendente no tempo, no espaço, na cultura, a respeito do que ele quer compreender.

Considerações finais

A respeito da fronteira, há uma quantidade enorme de trabalhos e, claro, o tema da língua resulta em uma diversidade de pesquisas. No entanto, o que se pode observar em muitas dessas pesquisas é a tentativa de destrinchar/analisar/classificar a língua da fronteira, comumente chamada de portunhol, resultado do contato entre português e espanhol. Creio que o problema do portunhol, que sempre vem descrito como não língua ou língua menor, periférica, mal falada, é o resultado das classificações estabelecidas, isto é, toma-se um português e um espanhol padrão¹⁰. Então, o resultado dessas línguas que entram em contato é o que se decidiu chamar de portunhol – nem o “bom português padrão, nem o bom espanhol padrão”.

¹⁰ Há termos como interlíngua e fossilização ainda bastante em voga entre muitos investigadores para classificar negativamente as línguas, sobretudo quando estão sendo estudadas como línguas estrangeiras.

A pergunta que podemos fazer aqui é a seguinte: por que não olhar a língua a partir da literatura? A literatura, ainda que seja ficção, pode nos fornecer categorias para pensar a realidade. Seriam necessárias pesquisas que contemplassem essa abordagem desconsiderada por muitos investigadores, ávidos por desnudar a fronteira. A literatura mostra, com bastante clareza, o processo de transculturação que ocorre nesses espaços fronteiriços, onde não há um amalgamento ou extinção de uma língua, pois cada língua, que entra em contato com outra, conserva seu sistema aberto e dialoga constantemente com a outra(s). Isso poderia ser uma contribuição deste breve estudo, bem como aberturas para trabalhos futuros.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. (tradução feita a partir do original francês por Maria Ermantina Galvão; revisão da tradução de Marina Appenzeller). 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CORREA, Jocielle Barcelos. *“Fronteira, Identidade e Bilinguismo” : uma sequência didática voltada para o ensino de português na zona de fronteira Brasil/Uruguai*. Bagé, RS: Unipampa, 2012. 58 f. Monografia (Licenciatura em Letras). Curso de Letras, Bagé, RS, 2012.
- FIABANI, Adelmir. *Mato, palhoça e pilão: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004)*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- GERALDI, João Wanderley. *Ancoragens: estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. (Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro). Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HARVEY, David. *Organizing for the Anti-Capitalist Transition*. Disponível em: <http://seminario10anosdepois.wordpress.com/2009/12/10/organizing-for-the-anti-capitalist-transition/> acesso 10/07/12
- LAPOUGE, Gilles. *A missão das fronteiras*. (tradução de Ana Montoia e Ana Ban). São Paulo: Editora Globo, 2005.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes de. Gramática e literatura: desencontros e esperanças. IN: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- MIOTELLO, Valdemir. *A arte de consertar locomotivas velhas e o mundo: discursos e palavras sobre crise*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.
- MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Bete (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 170-178.
- MURGUÍA, Julián. *Contos do país dos gaúchos*. 2. ed. (tradução de Sérgio Farraco). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Havana, Consejo Nacional de Cultura, 1963
- PONZIO, Augusto. *Procurando uma palavra outra*. (tradução de Valdemir Miotello et al.). São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- RAMA, Angel. Angel Rama: Literatura e cultura na América Latina. In: AGUIAR, Flávio; GUARDINI, Sandra (Orgs.). (Trad. Raquel La Corte dos Santos, Elza Gasparotto). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- RAMA, A. *A cidade das letras*. (Trad. de Emir Sader). São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RODRIGUEZ, Gonzalo. *La línea imaginaria*. Documentário sobre a cidade de Aceguá. 2006.

WIMMER, Norma. Um texto de fronteira: Meu Tio Roseno, a cavalo. *Ráido* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), v. 1, n. 2 p. 143-147, 2007.